



FIGURAÇÕES DA MULHER INDÍGENA EM A MULHER HABITADA, DE GIOCONDA BELLI: UM ESTUDO SOB A PERSPECTIVA PÓS-COLONIAL
REPRESENTATIONS OF INDIGENOUS WOMEN IN A MULHER HABITADA, BY GIOCONDA BELLI: A STUDY FROM A POST-COLONIAL PERSPECTIVE

Eveline Gonçalves Dias¹  

RESUMO: Analisamos, a seguir, a obra *A mulher habitada* (2000), de Gioconda Belli. O qual discute a nacionalidade da autora, partindo do fluxo das origens indígenas em Nicarágua no século XVI, configurado pela personagem feminina indígena Itzá, e protagonizado também por Lavinia que rompem os paradigmas da sociedade patriarcal e apresenta temáticas em torno da supressão e opressão social. Nesse sentido, Belli (2000) discute ainda, sobre a construção da identidade feminina, gênero, violência, relações de poder, etnia, política, economia. No referido romance, a autora focaliza o papel da mulher na sociedade, nos apresentando o sujeito feminino que recupera vestígios de uma memória reprimida pelo poder hegemônico, com marcas no processo ideológico de invisibilidade da figura da mulher, uma problemática enraizada pela intenção de superioridade pretendida pela perspectiva eurocêntrica. Aponta aspectos da crítica feminista e vieses identitários. Os pressupostos teóricos estarão baseados em estudiosos e críticos-literários que versam sobre as temáticas elencadas, como: literatura nicaraguense, Belli (2000); Contijo (2019); Randall (1989), para abordar as questões pós-coloniais, Quijano (2005); Spivak (2010), sobre identidade, Stuart Hall (20015), Homi Bhabha (2019) para pontuar as pautas indígenas Oliveri-Godet (2019), Potiguara (2014) entre outros pesquisadores que dialogam com o conteúdo da pesquisa.

Palavras-chave: Mulher indígena. A mulher habitada. identidade. pós-colonialismo. Gioconda Belli.

ABSTRACT: Next, we analyze the work *A mulher habitada* (2000), by Gioconda Belli. Which discusses the nationality of the author, starting from the flow of indigenous origins in Nicaragua in the 16th century, configured by the Itzá indigenous female character, and starring Lavinia who breaks the paradigms of patriarchal society and presents themes around social suppression and oppression. In this sense, Belli (2000) further discusses the construction of female identity, gender, violence, power relations, ethnicity, politics, economy. Not referring to romance, the author focuses on the role of women in society, presenting us as the female subject that recovers vestiges of a repressed memory by hegemonic power, with marks in the ideological process of invisibility of the figure of women, a problematic rooted in the intention of pretended superiority from the Eurocentric perspective. It highlights aspects of feminist criticism and identity perspectives. The theoretical assumptions will be based on scholars and literary critics who deal with the topics listed, such as: Nicaraguan literature, Belli (2000); Contijo (2019); Randall (1989), to address post-colonial quests, Quijano (2005); Spivak (2010), on identity, Stuart Hall (20015), Homi Bhabha (2019) to discuss indigenous guidelines Oliveri-Godet (2019), Potiguara (2014) among other researchers who dialogue with the research content.

Keywords: Indigenous woman. A mulher habitada. identity. post-colonialism. Gioconda Belli.

¹ Doutoranda em Estudos Literários (PPGL/UFPA). Mestre em Letras pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Especialista em Docência no Ensino Superior – IESF. Especialista em Atendimento Educacional Especializado – IESF e Intérprete de LIBRAS – ASC. E-mail: [Em construção.](#)

Considerações iniciais

O romance *A mulher Habitada*, de Gioconda Belli escrito em 1988, e publicado pela primeira vez no Brasil em 2000, aborda várias temáticas em torno da nacionalidade da autora. Diante disso, podemos nos direcionar por algumas coordenadas que inter cruzam a ficção e realidade evidenciadas na superfície textual do enredo, narrada a partir da colonização de Nicarágua pelos espanhóis no século XVI, que resultou em consequências danosas na sociedade marcada pela violência, opressão, conflitos políticos, desigualdades sociais, guerrilhas revolucionárias, ditaduras, invasões, tensões ideológicas entre outros fatos somados aos avanços do imperialismo europeu no século XIX. Essa conjuntura histórica se reflete na produção literária de escritoras latino-americanas, como as autoras descrevem: “desde a colonização até a atualidade, a violência aparece, naturalmente, como traço constitutivo das sociedades americanas, o que também justifica a sua presença nos textos literários.” Silva; Porto, (2016). Desse modo, vale destacar que a escrita de Belli (2000) está intimamente ligada aos constantes embates revolucionários de seu país, bem como recobra atenção a memória dos povos originários.

Uma das discussões recorrentes e fundamentais no romance histórico *A mulher habitada* com as protagonistas Itizá e Lavinia parte da constituição identitária do sujeito feminino na esfera social e o espaço relegado as mulheres na sociedade, tendo em vista que a personagem Itzá representante dos povos indígenas é uma componente da etnia náuatle que enfrenta os colonizadores espanhóis, esta morre assim como seu companheiro Yarince em combate, e quatro séculos depois seu espírito ressurgem em uma laranjeira no quintal de Lavinia passando a influenciar os pensamentos e ações desta jovem sempre que ingere o suco de laranja. Assim, passado e presente são imbricados tornando-se elementos fundamentais para a estruturação da identidade da personagem, trazendo consigo desejos emancipatórios e a consciência do seu papel no âmbito social, contrapondo as convenções sociais e culturais moldadas pela perspectiva hegemônica.

Sob o protagonismo de Itizá é ressignificado a resistência dos povos indígenas contra as práticas dominantes e reflexos desfavoráveis do sistema imperialista. Por consequência dos efeitos das ações colonialistas os povos originários, entre outras sociedades colonizadas passaram por um extenso processo de marginalização e repressão às diferenças. Recaindo um peso maior sobre a figura das mulheres, que diante das múltiplas formas de opressão encorpadas pelo poder eurocêntrico tiveram suas identidades fraturadas, e ocuparam assim um lugar de subalternização na sociedade, o qual as mulheres têm reivindicado com o seu poder de fala.

Apontamentos históricos e as relações de poder em contexto colonizado

Em meados do século XVI, os colonizadores espanhóis chegaram a Nicarágua sobre o pretexto de difundir conhecimentos teológicos e civilizar os habitantes, porém sua finalidade mais precisa seria extração dos recursos naturais, ouro, especiarias, mão de obra e invasão de terras. No entanto, se depararam com a resistência dos indígenas e travaram grandes embates. Nesse período, houve diversos conflitos que levaram o extermínio e dominação de grupos minoritários, dentre eles os indígenas que viram suas terras serem usurpadas e suas riquezas saqueadas. Nesse contexto de exploração as mulheres indígenas foram violentadas e levadas para outros lugares fora dos seus territórios. A pesquisadora Márcia Navarro no artigo que tem por título: *Perspectiva de Gênero na América Hispânica*, ressalta que devido a resistência das indígenas, o estupro passou a se tornar uma prática tão atrativa quanto a busca pelo ouro durante a colonização.

As primeiras cidades da Nicarágua foram fundadas em 1524, mas conforme os estudos de Gontijo (2019), sua independência só ocorreu em 1821. Nesse período os Estados Unidos passam a ter interesses por essa região, e instalaram bases de assentamento no país. Em meio aos embates internos acirrados entre as forças conservadoras e liberais pela disputa do território os Estados Unidos ganhou espaço e culminaram as principais problemáticas político-sociais no país, as quais resultaram num processo de ditadura militar levando a população a viver sob o domínio dos Norte-Americanos por longo período.

Esses registros históricos são mencionados no livro de Gioconda Belli intitulado: *O país sobre minha pele: memórias de amor e guerra* (2002), nele a autora revela momentos difíceis da guerrilha sandinista para conseguir vencer o ditador Anastácio Somoza, e rememora a reconstrução do país após a conquista revolucionária dos nicaraguenses, o que configura o sentimento de nacionalismo popular em defesa da soberania de Nicarágua. O governo de Sandino obteve apoio dos camponeses e indígenas, pequenos grupos formados por homens e mulheres que visavam resolver os problemas sociais e liberdade do país sob o jugo americano.

Estas menções históricas são recriadas ficcionalmente em *A mulher Habitada* (2000), promovidas pelo jogo dialético entre passado e presente protagonizado por duas mulheres que se apresentam num contraste cronológico, mas que se assemelham devido as circunstâncias a que estavam submetidas devido as condições de dominação de poder em contexto colonizado.

María José Olaziregi Alustiza (2008) considera que a recriação do passado serve como

mecanismo para recobrar a identidade das comunidades nacionais que tiveram o seu ser questionado e encontram nessa recuperação do passado histórico uma saída para a sua até então negada especificidade. (Alustiza, 2008).

Outrossim, a contextualização do período histórico de Nicarágua descrito no romance em estudo é relevante para a compreensão dos paradigmas que norteiam as personagens protagonistas. E, respectivamente, para enfatizar sobre a importância das primeiras participações femininas, que conforme as evidências de Belli (2000) essas figurações ocorreram a partir das manifestações de mulheres indígenas que testemunharam e se posicionaram contra as investidas dos colonizadores. A autora traz a baila uma nativa, Itzá, que não se submete as imposições de ordem social ou cultural, e transgride os desígnios tradicionais de sua comunidade indígena renunciando as formalidades do matrimônio e das funções domésticas destinadas à ela para se dedicar ao processo da guerra em seu país. Esse redirecionamento ideológico que Itzá apresenta com fortes elementos emancipatórios que subverte o pensamento dominante encontra ressonância nas postulações teóricas de Foucault, no excerto:

A nação apresenta o poder como uma modalidade de controle disseminado pela estrutura social, a que todos estão submetidos. Assim, pode-se inferir que, na medida em que a mulher é oprimida por um sistema patriarcal, o opressor também está sujeito às normas e aos princípios do mesmo sistema. (Foucault, 2000, p. 98).

Em concordância com o autor o patriarcalismo se apresenta como uma herança cultural, o qual transcende as gerações de maneira sistemática levando a subalternização e obliteração das identidades femininas. As estruturas de dominação do poder hegemônico resultam além da opressão de gêneros, classes e de etnias, como também na desigualdade social dos povos de camadas mais baixas, e nesse processo o opressor também pode sentir os efeitos de suas ações, uma vez que o sistema trás consequências internas que ultrapassam as dicotomias hierárquicas entre colonizador/colonizado, masculino/feminino, civilizado/incivilizado superior/inferior e sujeito/objeto.

Em relação a possibilidade de construção de um novo paradigma social em que o sujeito feminino não ocupe mais o lugar de subalternização, mas atue como pessoas protagonistas de suas próprias histórias, sugerido no romance de Belli (2000), verifica-se que há a necessidade de re teorização de saberes hegemônicos e conceitos diversificados em torno da formação da subjetividade feminina, que tenham com matriz o discurso epistemológico do sujeito na sociedade pós-moderna. Sobre esse aspecto que paira sobre um elemento central de nova ordem, como nos orienta o sociólogo Stuart Hall (2015) partindo do ponto de vista:

A sociologia desenvolveu uma explicação alternativa do modo como os indivíduos são formados subjetivamente através de sua participação em relações sociais mais amplas, e, inversamente do modo como os processos e as estruturas são sustentados pelos papéis que os indivíduos neles desempenham. (Hall, 2015, p. 105).

Conforme a teoria de Hall (2015), a descrição sociológica primária do sujeito pós-moderno é compreendida na socialização deste indivíduo com o mundo externo, definido como o modelo sociológico interativo, característico da primeira parte do século XX. O autor evidencia que as subjetividades pós-modernas são instáveis, contraditórias e mutáveis, por estarem em constante processo de formação. No mais, elas se concretizam na medida em que se realizam práticas discursivas que perpassam pelas instâncias culturais e sociais.

A discussão sobre poder e relações de dominação da mulher abordada no enredo do romance *A mulher habitada* (2000), de Gioconda Belli ultrapassa as perspectivas do texto, na medida em que a narradora enfatiza de forma significativa as diversas instâncias em que ocorrem tais práticas: no seio familiar, no estado, relações pessoais, âmbitos profissionais entre outros. Essa inferência tem sua relevância dentro do processo de construção da identidade feminina e sua atuação na esfera social.

De acordo com o antropólogo indígena Ignacio Alberto Pane autor do poema *La mujer paraguaya* (1976), escrito no livro *Apuntes de sociologia* (1976), em contraposição as mulheres da sociedade dominante, ressalta que as indígenas como Itzá e outras mulheres de comunidades tradicionais mais especificamente do povo Guaraní no século XVII, vivenciaram em suas culturas momentos em que a mulher era incumbida de afazeres convencionados masculinos pela cultura ocidental, como a caça e a pesca, entre outros trabalhos braçais da lavoura e assumiam os mesmos papéis de lideranças com os irmãos ou maridos nas assembleias indígenas em tomadas de decisões, expressando assim, que entre os nativos no passado existiam relações de gênero isentas da carga político-social que recai sobre o sujeito feminino na atualidade. Semelhante à essa prática em que a mulher detém uma postura autêntica e fora dos padrões normatizadores, a personagem Itzá figura cenas de protagonismo em defesa do seu povo nas ampliações dos campos de batalha contra os espanhóis manuseando o arco e a flecha, tornando-se uma guerrilheira. Sua postura a princípio é questionada pelos homens do seu bando, no entanto, não recuou aos seus desígnios.

Nesse contexto das figurações da mulher indígena que justificam o título desta pesquisa, a próxima subseção põe em pauta o resgate da etnicidade indígena e revisões teóricas que reavaliam o discurso colonialista que implicam na condição subalterna dos povos colonizados.

Etnicidade indígena: uma resistência aos impactos coloniais

O romance em análise *A mulher habitada* (2000), contesta as questões emergidas do imperialismo e os efeitos colaterais refletidos naqueles que tiveram suas identidades e culturas desestabilizadas pela supremacia eurocêntrica. Na escrita de Belli (2000), é evidenciado o caos instaurado na sociedade nicaraguense pelo domínio exploratório dos colonizadores, e suscita questionamentos necessários para compreendermos as tensões do processo histórico atravessados pelos povos indígenas. Como podemos perceber na descrição sobre o massacre dos indígenas náuatle que constituem a base do romance histórico mencionado:

Aqueles últimos tempos foram terríveis. Já estávamos exaustos após anos de batalha e o cerco era cada vez mais estreito. Os melhores guerreiros tinham perecido. Um por um estávamos morrendo sem aceitar a possibilidade de derrota. Enterrávamos as lanças dos mortos no mais profundo da montanha esperando que os outros, algum dia, as erguessem contra invasores. Cada morte, não obstante, era insubstituível, nos desgarrava a pele em tiras, como faca de pedernal. Deixávamos parte de cada vida em cada morte. Morríamos um pouco cada um até que, no fim, já parecíamos exército de fantasmas. Como lembro daqueles dias de silêncio e fome. (Belli, 2000, p. 245).

De acordo com os registros da autora Belli (2000), ao contrário do que a história oficial de Nicarágua veicula sobre a invasão espanhola com a ideia de que aconteceu de forma pacífica, os colonizadores se depararam com a resistência dos indígenas, embora estes tenham sofrido um grande massacre. A história silenciada é revelada em *A mulher habitada* (2000), por Itizá que rememora os conflitos externo durante a colonização, ao mesmo tempo que protagoniza sua própria história a personagem central testemunha o extermínio dos seus descendentes. Segundo Piva (1986), os indígenas da Nicarágua foram os primeiros grupos de resistência contra os invasores, mas logo foram derrotados.

No entanto, a herança indígena permanece viva nos aspectos culturais e tradicionais dos povos nicaraguenses, visto que, são resgatados os costumes indígenas no cotidiano como: a língua, religiões, ritos e festividades para preservar a identidade étnica dos nativos. Essa reafirmação das raízes étnicas é referenciada na fala de Flor: “levamos o indígena em sangue” a voz do eu lírico emite o sentimento de pertencimento e a manutenção dos seus valores étnicos em meio as condições de sujeito marginalizado, ela autodeclara sua identidade indígena que há séculos foi invisibilizada.

Nessa linha de discussão, importa mencionar que o processo de subjugação da identidade dos povos colonizados, a questão da percepção da própria identidade fragmentada infere na desconstrução das práticas supressivas, e, ao fazer uso do mesmo código epistêmico, o conhecimento, o sujeito

subalternizado tem a possibilidade de subverter a lógica, reconstruindo, assim, as identidades enfraquecidas, o que tangencia novas perspectivas de pertencimento cultural. (Bhabha, 2019, p. 179).

Ainda na mesma esteira das formulações teóricas do autor mencionado anteriormente, é pontuado três condições que subjaz o processo de construção e identificação identitários em espaços colonizados. A saber, a primeira se dá pela necessidade de existir e pelo desejo de posse, dito de outra maneira significa que o colonizado almeja por um momento assumir a posição do colonizador. Por conseguinte, a segunda, demanda a caracterização do espaço-cisão. Destarte, o objetivo do colonizado é ocupar um lugar superior ao do colonizador, sem que sua condição inicial seja abandonada. Nessa ordem, a terceira condição, na percepção do autor está relacionada a imagem de identidade, em outros termos implica dizer que o sujeito passa por transformações ao assumir uma nova imagem. (Bhabha, 2019, p. 185).

Nesse viés, o autor reitera que isso não significa deserção, mas, uma ressignificação de discursos identitários antecedentes, acrescidas do processo de transitoriedade somados aos aspectos de hibridez do presente, o que dá origem a uma identidade social culturalmente constituída num movimento híbrido e constante.

Esses apontamentos circunscritos por Bhabha (2019) abrem margens para discussões sobre os descompassos culturais que abalam as subjetividades do colonizado, configurando assim, sociedades complexas e fragmentadas dentro de um processo que transcende as dimensões sócio-históricas. Nessa categoria, as identidades gerenciadas numa perspectiva provisória e contraditória, em razão dos atravessamentos culturais emergidas das relações de poder entre o colonizador e colonizado resultam num aglomerado de diferenças, em consequência disso não há identidades plenamente fixas.

Em razão do descentramento da essência identitária dos povos indígenas em questão, gerado pelos conflitos coloniais o sujeito originário busca reverter o quadro da exclusão e apagamento de suas subjetividades adotando uma postura de resistência contra o sistema opressor. No romance *A mulher habitada* (2000), esse aspecto favorece o resgate da dignidade dos indígenas e expressa a luta destes povos pela sobrevivência, como demonstra a personagem no fragmento: “aquilo que começa a habitar Lavinia a partir da posse de Itzá nada mais é que a resistência, a herança política que provém de um passado mestiço”, e que continuará vigente enquanto existir a opressão.

Nesse traçado de questões que pontuam opressão e resistência, Quijano (1992) postula que o discurso de resistência não deve partir da ideia de sujeito como indivíduo isolado, mas deve levar em consideração as estruturas sociais que têm contribuído para o seu silenciamento. O processo de

libertação deve acontecer como resultado das lutas sociais e culturais que ocorrem no presente em decorrência daquelas que se sucederam no passado. Para Quijano,

Todo discurso, toda reflexión individual, remite a una estructura de intersubjetividad. Se constituye en ella y ante ella. El conocimiento, en esta perspectiva, es una relación intersubjetiva de algo, no una relación entre una subjetividad aislada, constituida en sí misma y ante sí misma, y dese algo. (Quijano², 1992, p.15).

Paralelo ao exposto, a resistência no contexto dos povos indígenas configura uma forma declarada as imposições as formas de opressão advindas do processo colonialista. No que toca as narrativas de resistência conforme Bosi (2002), o foco narrativo é um movimento interno que revela os nós que atam o sujeito ao contexto histórico e existencial sendo uma possibilidade do indivíduo alcançar uma posição distante e, por um ângulo maior, observa a si mesmo e reconhecer os laços que o prende ao sistema das instituições. Isso ressoa em narrativas de cunho indígena como traço libertador de vozes oprimidas.

Nessa instância, convém destacarmos que as manifestações literárias indígenas são veículos de uma multiplicidade de temáticas e vozes reveladoras que combatem e denunciam as várias facetas da globalização e do neocolonialismo. Com esse tom reivindicatório, se inscreve o romance *A mulher habitada* (2000), em que a autora abarca um vasto campo de multissignificações trazendo os desconcertos da sociedade sob o domínio do sujeito dominante.

Para tanto, o próximo subtópico versará sobre a atuação transgressora da mulher indígena na sociedade atual, a partir da escrita de Belli em *A mulher habitada* (2000), uma vez que o romance faz essa imersão sobre a relevância das mulheres em movimentos revolucionários, metaforizando não apenas uma proposta de emancipação de um país, mas a liberdade do sujeito feminino que se desprende do patriarcalismo para protagonizar sua própria história.

Aspectos da figuração da mulher indígena na escrita de Belli: uma ruptura com as práticas ocidentais

No contexto da cosmologia indígena, o sujeito feminino está intimamente ligado ao sagrado e desempenha um papel crucial na reprodutibilidade e fecundação dos saberes ancestrais, podendo assim ressignificar o sentimento de pertencimento ao grupo étnico e enunciar seu lugar de fala na

²Todo discurso individual, ou toda reflexão, refere-se a uma estrutura de intersubjetividade. É constituído nela e antes dela. O conhecimento, nessa perspectiva, é uma relação intersubjetiva sobre algo, não uma relação entre uma subjetividade isolada, constituída em si, e antes de si, e esse algo [tradução nossa].

perspectiva indígena, trilhando a contramão do que os textos fundantes na literatura ocidental disseminavam sobre a figura da mulher, em que estas eram despersonalizadas para representar o pecado e/ou a perversão. Porém, as nativas dentro de algumas comunidades tradicionais detêm um espaço de reconhecimento que reforça a subjetividade do seu povo. Visto no fragmento a seguir:

O papel da mulher na luta pela identidade é natural, espontâneo e indispensável. Com relação a cultura indígena, a mulher é uma fonte inesgotável de energia, é intuição. É a mulher selvagem³ não no sentido primitivo da palavra, mas selvagem como desprovida de vícios de uma sociedade. (Potiguara, 2004, p. 44).

Posto isso, Potiguara (2004) considera a força instintiva da mulher indígena um elemento determinante da essência feminina, mediante a autoafirmação da identidade que ressoa no íntimo de suas origens étnicas ao eclodir os saberes sagrados na cultura e tradição indígena. A terminologia primitiva referida no excerto acima não concerne ao sentido pejorativo da palavra, mas é atribuída para expressar os princípios, a sabedoria e o estado natural que as mulheres indígenas dispõem desde a gênese dos povos originários.

Como já foi dito, as múltiplas formas de opressão oriundas do poder hegemônico, as quais revelam os efeitos das ações patriarcais desde o contexto colonial, como: silenciamento, objetificação, subalternização, submissão e invisibilidade resultaram na rejeição das mulheres gerenciando uma posição de inferioridade, sujeição e servidão. Em *A mulher habitada* (2000), a autora com base no matriarcado indígena narrado primeiramente pelo seu avô que rememora o passado indígena, desvia dos tentáculos do patriarcalismo de ordem histórica colonial e figura novos campos que viabilizam as transformações e empoderamento do sujeito colonizado.

Em *A mulher habitada*, é evidenciado que o silenciamento é imposto de maneira mais severa à mulher colonizada, conferido a ela um lugar totalmente rebaixado, isso é retratado na posição que Itzá assume durante o combate aos espanhóis: “consegui que me colocassem na formação, um lugar protegido de onde disparavam flechas envenenadas” (Belli, p.143), nota-se que a mulher nesse contexto não ocupa um lugar de destaque porque recai sobre ela o peso das imposições sociais, resultando na descredibilidade do matriarcado e todas as formas de subjugação do sujeito feminino. Nesse panorama, a produção literária de Belli (2000) lança um olhar feminino que se consubstancia com a intensão de superação das relações marginalizadas e hifenizadas que atravessam os povos indígenas.

³Aqui, “Selvagem” refere-se a um conceito psicológico proposto no livro *Mulheres que correm com os lobos*, de Clarissa Pinkola. Expressa o significado do poder de intuição profunda da mente feminina. (Potiguara, 2004, p. 44).

Em convergência com discussão elencada, no contexto de dominação que refletem efeitos de opressão sobre a mulheres e outros grupos minoritários, cuja a subalternização desse sujeito lhe nega a possibilidade de integrar o poder dominante, encontramos respaldo nas postulações de Spivak (2010), quando traz uma problematização sobre o sujeito feminino, em relação a forma como sua imagem é representada no discurso ocidental.

Nessa perspectiva, a autora ressalta que as mulheres são duplamente colonizadas, isso porque nas sociedades pós-colonizadas o sujeito feminino dentro do eixo da exclusão social, é subalternizada pelos paradigmas da diferença sexual, em que em muitas situações passam pelo dissabor da violência sexual. Dessa maneira, a mulher não é somente um sujeito que ocupa um espaço colonizado, mas um espaço dominado pelo colonizador. Spivack (2010), reitera que as mulheres periféricas ocupam o último nível de hierarquia social, isso significa dizer que são discriminadas e segregadas por razões ideológicas em que prevalecem as consequentes dominações das ações colonialistas.

Essas dominações assolam as subjetividades da mulher indígena quando obliteram sua identidade e enfraquecem suas raízes étnicas. Na perspectiva colonial, em que o sujeito subalterno é destituído de historicidade e tem seu poder de fala negado, sua existência é mantida na mais profunda obscuridade. Com isso, o romance *A mulher habitada* (2000), tematiza as divergências numa sociedade de significativas contradições e desigualdades sociais, as quais produzem interferências negativas na posição ocupada pelo sujeito feminino.

Nesse sentido, o objetivo que norteia esse trabalho está centrado no processo histórico colonial em que a mulher indígena atravessou os percalços da nulidade de sua subjetividade identitária, e a condição marginalizada que a sociedade vigente lhe reservou, para localizarmos no discurso pós-colonial fundamentos que subvertem essa condição de subalternidade imposta pelas práticas imperialistas.

Belli (2000), apresenta como protagonistas duas mulheres revolucionárias que promovem a emancipação feminina, visto que tais personagens são impulsionadas a revirar o passado para resgatar suas subjetividades e atuar na construção de novos paradigmas que proporcionam a integração das mulheres em espaços que outrora era negado. Em síntese, a produção literária de Belli dentre outras escritoras do seu país intencionam tornar possível uma nova visão da história do seu povo por meio da perspectiva feminina. Assim, o fazer literário tornou o principal veículo para contestar as ideias estereotipadas que foram fixadas historicamente sob a identidade do sujeito feminino. Com efeito, sobre a escrita subversiva e prospectiva de Belli, o autor Margaux Héléduit (2018), postula as seguintes considerações:

Através do gênero histórico, Gioconda Belli quer reabilitar figuras, essencialmente femininas, que se viram desprestigiadas pela história oficial, começando pelo próprio testemunho da sua luta na FSLN da qual as mulheres, apesar do seu grande apoio para a vitória, uma vez conseguida, tiraram-lhes o protagonismo relegando-as de novo ao âmbito que se supunha correspondia-lhes por serem mulheres. É assim que a sua obra [...] permite-lhe dar visibilidade a certos aspectos pouco considerados do ponto de vista histórico-social (Hélédud, 2018, p. 84).

É a partir do elemento feminino que partem os demais eixos temáticos do romance. Nesse sentido, Hélédud (2018) afirma que as mulheres encontram uma possibilidade de libertação na medida em que recontam a história através da vertente marginalizada, pois trazem à luz outras verdades, até então ocultadas pela historiografia literária. Nessa via de sentidos, Belli (2000) desperta a consciência feminina para a sua devida atuação na sociedade conquistando seus ideais sem ter seus direitos usurpados.

Agora, retomamos o foco sobre a mulher indígena, em Nicarágua segundo Margaret Randall (1989), que parte dos escritos de cronistas, revela que as mulheres indígenas eram muito ativas, livres, audazes e trabalhadoras, e sabiam manusear o arco e a flexa de forma surpreendente, participavam de lutas juntos aos seus companheiros e não se prendiam as questões moralistas. Randall (1989), acrescenta que há indícios de que as comunidades originárias nicaraguenses eram matrilinear, dispo de poderes com participação direta em lideranças em seus grupos.

No excerto, “El destino teje sus redes. Ella está en el vértice del verdor de la vida. Tiene cuidado de las cosas de la tierra⁴”, Itizá reafirma os aspectos identitários revivendo seus costumes e tradições indígenas em que a mulher era tão sagrada quanto a terra que os ancestrais reverenciam, pois na cultura indígena a terra representa a espiritualidade dos povos primeiros, assim como expressa o valor da existência humana e a origem da vida de todos os seres naturais, daí a relevância da personagem conectar sua força feminina com espiritualidade da terra, pois nessa simbiose é recuperado o sentimento de pertencimento. (Castro, 2009, p.72).

No bojo dessas considerações, quer seja na literatura ou nas diversas formas de manifestações culturais, são evidenciados os traços das subjetividades das mulheres indígenas, que buscam reconstruir suas identidades, compreendida como um produto da multiplicidade e da diferença desenvolvida na complexidade da formação histórica, social e cultural de uma sociedade. De acordo com Edward Saíd (2011, p. 245), é necessário essa eclosão de vozes dissonantes no contexto do pós-

⁴O destino tece as suas teias. Ela está no ápice do verde da vida, ela cuida das coisas da terra. [Tradução nossa].

colonialismo para que os nativos possam ser reinterpretados e conseqüentemente rerepresentados na esfera social com novos direcionamentos epistêmicos capazes de desingessar o pensamento ocidental.

Considerações finais

À luz do exposto, a pesquisa sobre as figurações da mulher indígena em *A mulher habitada* (2000), de Gioconda Belli possibilitou a compreensão sobre a trajetória da mulher indígena na história de Nicarágua e as contibiuições dos povos indígenas para a emancipação do país. O romance foi inspirado em fatos narrados sobre as manifestações indígenas durante as invasões dos espanhóis pelo avô da autora. Com base nisso, Belli (2000) traz importantes reflexões sobre a construção da identidade feminina na sociedade em regime patriarcal da época, como também, faz menção a participação das mulheres indígenas nas lutas durante a colonização espanhola no século XVI.

Por conseguinte, as protagonistas Itizá e Lavinia revelam muitos detalhes das conseqüências das invasões na vida dos povos indígenas como o massacre dos grupos nativos, resultando assim no apagamento de tenias e silenciamento dos povos indígenas. Esse processo refletiu com efeitos mais severos sobre a imagem das mulheres, que tiveram suas identidades obliteradas e enfraquecidas mediante as práticas de opressão enraizadas pelo sistema imperialista.

Assim, o renascimento de Itzá e sua influência sobre Lavinia assinala o surgimento de uma nova época em que as mulheres possam figurar o papel de protagonismo em uma sociedade mais igualitária, em que sua embora esteja em constante transformação devido a transitoriedade da sociedade pós-moderna, não seja vilipendiada ou inferiorizada por questões mal interpretadas sobre gênero e/ou noções hierárquicas preestabelecidas pelos padrões eurocentrais.

Para além disso, a metáfora da mulher habitada que passa a residir numa árvore, aponta para uma ligação profunda do sujeito feminino com os elementos naturais. De forma a transcender os fenômenos naturais e reconectar sua existência a cosmologia do universo aos seres celestiais. Essa conexão da essência feminina com a harmonia da natureza é uma forma de expressão das manifestações culturais indígenas e da identidade dos povos náuatles rememorados por Belli, em *A mulher habitada* (2000), e outros grupos étnicos que configura sua espiritualidade e sabedoria ancestral.

Referências

BELLI, Gioconda. **A mulher habitada**. Tradução de Enrique Boero Baby. Rio de Janeiro:Record, 2000.

BELLI, Gioconda. **El país bajo mi piel: memórias de amor e guerra**. Buenos Aires: Seix Barral, 2010.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2019.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GONTIJO, Stela Ferreira. **Hasta que seamos libres: feminismo e revolução sandinista nas obras de Gioconda Belli (1972-1993)**. 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Belo Horizonte: UFMG, 2015.

HÉLÉDUT, Margaux. **El compromiso en la "novela femenina" contemporánea: Almudena Grandes y Gioconda Belli**. 2018. Tese (Doutorado em Literatura Hispano-americana) - Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2018.

OLAZIREGI ALUSTIZA, María José. La guerra civil y sus representaciones. *In*: ROIG-RECHOU, Blanca. **A guerra civil espanhola na narrativa infantil e juvenil**. Vigo: Xerais, p.13-27, 2008.

PANE, Ignacio Alberto. **Apuntes de sociología**, Instituto Colorado de Cultura, 1976. SILVA, Denise Almeida; PORTO, Luana Teixeira. Narrativas da violência: a literatura e sociedades nas Américas. *In*: SILVA, Denise Almeida; PORTO, Luana Teixeira. **Pensando as Américas: narrativas e violência**. Santa Cruz do Sul: Catarse, p. 8-17, 2016.

PIVA, M. C. e PIVA, M. A. **Nicarágua: um povo e sua história**. São Paulo: Paulinas, 1986.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. São Paulo: Global, 2004.

OLIVIERI-GODET, Rita. A poesia como estratégia de sobrevivência. **Interfaces Brasil/Canadá**. Florianópolis/Pelotas/São Paulo, v. 17, n. 3, 2017, p. 101-117.

QUIJANO, A. **Colonialidad y Modernidad/Racionalidad**. *In*: H. Bonilla (Orgs) Los Conquistados: 1492 y la población indígena de las Américas. FLACSO / Ediciones Libri Mundi, Quito, 1992.

RANDALL, Margaret. **Todas estamos despiertas: testimonios de la mujer nicaragüense hoy**. México D. F.: Siglo XXI, 1989.

SAID, Edward. **Orientalismo**. Tradução de Denise Botmann. São Paulo: Ed. Companhia de Bolso, 2011.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A Inconstância da Alma Selvagem e outros ensaios antropológicos.** São Paulo: CosacNaify, 2009.

Recebido em: 27/08/2024

Aprovado em: 02/11/2024

Como citar este artigo

DIAS, Eveline Gonçalves. Figurações da mulher indígena em A mulher habitada, de Gioconda Belli: um estudo sob a perspectiva pós-colonial. **Revista Narrares** – V.2, N.2, Jul-Dez, 2024, pp. 47-60.